

O Primeiro Camarada que Ficou no Caminho



Manuel da Fonseca com o irmão, José. Cedido por Artur da Fonseca

Um episódio da infância de Manuel da Fonseca fica para sempre registado na sua obra através do conto "*O Primeiro camarada que ficou no caminho*" onde retrata a doença que culmina na morte do irmão José, três anos mais novo.

Este conto faz parte do livro de contos "*Aldeia Nova*" publicado em 1942.

[...] Esperava a volta de Maria cheio de tristeza.

E mal lhe adivinhei os passos, na rua deserta, corri ao seu encontro.

- Maria, não te esqueças. Pede a minha mãe... É só vir à janela...

Maria entrou em casa. A porta fechou-se.

Fiquei ao meio da rua, parado, sem vida. A cabeça ergueu-se para a janela do quarto de meu irmão. As mãos estenderam-se para a frente... Eu estava na janela do quarto de meu irmão, eu estava no quarto de meu irmão. Mas não via nem ouvia nada. Como se fosse noite, noite numa casa deserta. A cabeça erguida, à escuta, nada ouvia, as mãos para a frente, para a frente: cego. Só minha mãe me podia dar vida!

Eu estava na rua, imóvel, quando a cortina se afastou e o rosto de minha mãe apareceu atrás do vidro. Seus olhos ficaram presos nos meus. Tanto, tanto que chorou. As lágrimas desciam pelo rosto de minha mãe. Não tirava os olhos dos meus e chorava.

Foi como se mil fantasmas de sonho, dos meus sonhos de pesadelo, corressem atrás de mim. E eu quieto, ao meio da rua, sem poder fugir. Sem forças para jogar-me ao colo de minha mãe e fechar os olhos, abraçá-la.

Minha mãe chorando por detrás do vidro, sem um gesto, sem uma palavra, sem abrir-me os braços!

Ergui as mãos na direcção da janela como se os fantasmas me fossem levar para sempre.

- Mãe!

Gritei novamente como acordado:

- Mãe! Mãe!

Um braço estendeu-se sobre a minha cabeça. Olhei com os olhos muito abertos. O Dr. André estava a meu lado. Falava:

- Vai brincar... Teu irmão...

Olhei a janela. Minha mãe desaparecera.

- ...teu irmão está melhorzinho.

Maria abria a porta. Corri, empurrei-a. Subi os primeiros degraus da escada. Maria agarrou-me num braço, puxou-me. O Dr. André ajudou. Atiraram-me para a rua. Fecharam a porta. Gritei:

- Mãe! Mãe!

Todos me abandonavam. [...]